

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PIBID INTERDISCIPLINAR: DANÇA, MÚSICA E TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

JÚLIA CAETANO DOS SANTOS¹; LAÍS GOULARTE RUSCH²; RODRIGO MONDINI PINHEIRO³; QUEZIA TABORDES GONÇALVES⁴; FLÁVIA MARCHI NASCIMENTO⁵

¹ Universidade Federal de Pelotas 1 – julia2004.caetano@gmail.com 1

² Universidade Federal de Pelotas – laidurimi@gmail.com 2

³ Universidade Federal de Pelotas – ro.pinheiro2014@gmail.com 3

⁴ Universidade Federal de Pelotas – tgquezia@gmail.com 4

⁵ Universidade Federal de Pelotas – flavia.marchi@hotmail.com 5

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho traz um relato de experiência, que tem sido desenvolvido durante o projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), um programa de bolsas oferecido pelo Ministério da Educação (MEC), com o objetivo de inserir e aproximar estudantes de licenciatura na rede de ensino público da educação básica. Esse relato está sendo feito com base no projeto PIBID Interdisciplinar Dança e Música, tendo como guia para o projeto o tema Cultura Digital e Tecnologias na Educação.

O Projeto PIBID Dança e Música tem como base a interdisciplinaridade, com o objetivo valorizar a apropriação de conhecimentos da área de Arte, articulando duas linguagens artístico-pedagógicas que apresentam pontos de convergência significativos. Assim, planejamos práticas interdisciplinares em sala de aula, priorizando os saberes culturais e estéticos, bem como a produção e a apreciação artística, especialmente em um cenário em que a cultura digital integra o cotidiano escolar. Para o desenvolvimento do trabalho utilizamos como base nas nossas práticas autores e precursores de suas respectivas áreas, como: Keith Swanwick, Émile Jaques-Dalcroze, Rudolf Laban, e Douglas Rosenberg. Abaixo apresentamos as atividades até este momento desenvolvidas e as reflexões sobre o desafio da iniciação à docência na escola de educação básica.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Os graduandos dos curso de Licenciatura em Dança e Música se reúnem enquanto núcleo semanalmente, para organizar as propostas de ensino a partir do conteúdo das duas áreas, procurando integrar os saberes de ambas as disciplinas, desenvolvendo atividades em conjunto e procurando atender as necessidades tanto dos alunos do projeto quanto dos alunos da escola.

Na escola, o público alvo são adolescentes dos anos finais com idades entre doze a quinze anos distribuídos em duas turmas, uma turma de sétimo ano com dois períodos, totalizando uma hora e trinta minutos, e outra de oitavo ano, com um período de cinquenta minutos. São realizados com os alunos, aulas semanais sempre às sextas-feiras, no turno da tarde, com dois bolsistas atuando como regentes, junto com a supervisora em sala de aula, buscando que cada bolsista graduando seja de uma área de atuação diferente, ou seja um da dança e outro da música.

Algumas das atividades propostas pelas duas áreas foram: técnicas de percepção corporal, que auxilia na concentração dos alunos, fazendo com que desenvolvam mais consciência de seus corpos; com o auxílio da música instrumental “Seven Jumps”, que trabalha a concentração dos alunos, percepção sonora, e movimentos corporais que se alteram no decorrer da música, trabalhamos a criatividade dos alunos com novos movimentos.

A maioria das aulas foram realizadas na biblioteca da escola, pois é um espaço amplo, auxiliando no processo de ensino porque as turmas têm muitos alunos. As turmas são organizadas em um grande círculo, permitindo que todos se enxerguem, facilitando o diálogo e a participação. Desta forma, identificamos que os alunos se sentem mais livres, o que por vezes dispersa a atenção dos alunos.

Em nossas aulas, frequentemente fazemos uso de instrumentos, como violino, violão, pandeiro, muitas vezes foi utilizado caixa de som, e outros instrumentos que se fizeram necessários como o piano, e o rói-rói (instrumento de percussão por fricção).

Algo interessante de salientar, é a pluralidade de graduandos de diferentes semestres no projeto do PIBID, dessa forma alunos que estão ingressando no curso podem ter a troca de saberes e experiências com colegas que já estão a mais tempo na graduação, tanto que nesse relato de experiência, duas das autoras estão no sétimo semestre de seus cursos e um graduando é do terceiro semestre.

Parte dos desafios enfrentados nesse projeto é integrar durante a aula tecnologias digitais, pois, para uma aula de dança para tela, por exemplo, o aluno precisa prestar atenção em quem está dançando, no que ele vai filmar e o que está à sua volta. Além disso, há uma falta de concentração geral da turma, o que impossibilita o andamento e desenvolvimento das aulas. Além da criação da lei 15.100/2025 que proíbe que os alunos usem celulares na escola, pois dificulta ainda mais a inserção deste formato de aula por conta da burocracia e agendamento antecipados da aula que se pretende usá-los.

Essa falta de atenção e de concentração também pode estar relacionada ao excesso de estímulos criados pela frequência do celular e das redes sociais, tornando as atividades desenvolvidas no ambiente escolar pouco atrativas, como aponta o autor abaixo.

Em comparação com as complexas experiências multimídia que algumas crianças têm fora da escola, muitas das atividades em sala de aula parecem desestimulantes. Os alunos com Internet em casa têm a tendência, como usuários dessa tecnologia, de desenvolver um forte senso de autonomia e autoridade, e é exatamente isso que lhes é negado na escola (BUCKINGHAM, 2010, p. 8).

Salientando a fala de Buckingham, ele nos mostra que tudo está interligado, pois enquanto em casa a criança tem acesso muitas vezes, sem controle dos pais ao celular e afins, na escola ela simplesmente não pode utilizá-lo, além de que restringindo seu acesso a internet ou ao celular propriamente dito, auxilia nos altos níveis de ansiedade e falta de concentração em aula, e falta de interesse nos conteúdos, por não haver hiper estímulos.

Segundo Moreira et al. (2025) o fato da escola ainda ter um modelo de ensino tradicional, muitas vezes baseado no método mestre e aprendiz, ou seja, o professor ensina, ou dispersa “conhecimento” para os alunos, e eles recebem e anotam em suas classes, essa forma causa um grande desinteresse nos alunos já que no “mundo lá fora”, a maneira que eles absorvem informações é uma forma

bastante frenética, causando na maioria das vezes um grande desinteresse e ampliando a dispersão do foco e atenção, por essa razão, procuramos trazer diferentes propostas de ensino para que não somente as aulas não sejam monótonas, mas também que os alunos possam se interessar mais, já que trazemos bastante dinamismos, e solicitamos a participação ativa deles para que as aulas ocorram em sua totalidade.

Outro desafio que buscamos enfrentar enquanto grupo, é desenvolver pensamentos e atividades interdisciplinares. Segundo Ferreira (1993), a interdisciplinaridade não deve ser utilizada para fundamentar outra disciplina, ou auxiliar na resolução de problemas, e sim existir uma forma de relacionar saberes em comum, trabalhando em conjunto para enriquecer o processo de aprendizagem de ambas as áreas, e tendo esse pensamento como base, nós, enquanto graduandos ainda estamos enrijecidos, na forma de pensar interdisciplinarmente. A partir da preocupação em ter o equilíbrio, para que uma área não se sobressaia em relação a outra.

No entanto, o projeto têm mostrado resultados satisfatórios com os alunos. Um dos principais pontos que une a música e a dança é a pulsação, que funciona como base comum para ambas as áreas. Essa percepção facilita a integração entre os saberes e as práticas, amplia a escuta atenta e promove maior envolvimento dos estudantes. Além disso, percebemos o quanto os alunos já se sentiram mais à vontade ao participar das atividades, demonstrando mais confiança e liberdade para se expressarem. Notou-se também uma melhora notável na compreensão e na manutenção do pulso, o que evidencia avanços concretos tanto no aspecto musical quanto no corporal, tornando o aprendizado ainda mais significativo.

Por mais que existam desafios nesse projeto, o núcleo da Escola Santa Rita fez com que o projeto se torne mais fácil e mais leve, pois com o passar das semanas e do desenvolvimento das atividades nos aproximamos muito, devido ao tempo que temos passado juntos tanto na escola quanto na universidade, procurando evoluir nas nossas atividades acadêmicas. Um diferencial deste grupo é a prática de realizar “coffee break’s” regularmente na escola quando possuímos intervalos, o que se torna um momento de lazer e descontração como grupo de pibidianos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto PIBID Interdisciplinar Dança e Música tem se mostrado uma experiência significativa para os graduandos e para os alunos da escola parceira. Ao aproximar as duas áreas, foi possível perceber como a integração dos saberes enriquece o processo de ensino-aprendizagem, permitindo uma maior valorização das artes dentro da escola. Ainda que hajam muitos desafios — como a falta de atenção dos alunos, as restrições do uso de tecnologias digitais e a dificuldade em estruturar aulas verdadeiramente interdisciplinares —, a vivência tem contribuído para que possamos refletir sobre nossas práticas pedagógicas e buscar alternativas criativas que dialogam com os estudantes.

Concluímos, portanto, que o PIBID é um espaço fundamental para a construção de novas perspectivas de ensino, ao mesmo tempo que nos desafia a pensar a interdisciplinaridade. Essa experiência reforça a necessidade de uma formação docente crítica e aberta à transformações sociais, culturais e tecnológicas que atravessam a escola contemporânea.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. 1. ed. Brasília (DF): Ministério da Educação, 2018. Disponível em:
[https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versa_ofinal.pdf](https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518-versao-final.pdf). Acesso em: 17 ago. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos de ensino da educação básica. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 14 jan. 2025

BUCKINGHAM, David. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez. 2010. Disponível em:
http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-31432010000300004&lng=pt. Acesso em: 16 ago. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

MOREIRA, José César Pontes; DANTAS, Rosane Arruda; VIEIRA, Márcia Maria Siqueira; LÔBO, Ana Maria Rodrigues de Sousa; UCHOA, Sarah Cristina Cidrão; FERREIRA, José Rinaldo Andrade; TÔRRES, Ana Klédnar Viana; TORRES, Klediana Viana. *O uso de telefones celulares: desafios e possibilidades educacionais*. Cuadernos de Educación y Desarrollo, [S. I.], v. 17, n. 5, p. e 8328, maio 2025. DOI: 10.55905/cuadv17n5-041.

OCAMPO, Daniel Morin; SANTOS, Marcelli Evans Telles dos; FOLMER, Vanderlei. A interdisciplinaridade no ensino é possível? Prós e contras na perspectiva de professores de Matemática. *Bolema: Boletim de Educação Matemática*, Rio Claro, v. 30, n. 56, p. 1014-1030, dez. 2016. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/bolema/a/8pzX3Pm5yPVrLsCvX8V3vTj/?lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2025.

SWANWICK, Keith. **Ensinando Música Musicalmente**. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho, São Paulo: Moderna, 2003.